

SOCIEDADE

Sons da madeira da floresta

Escola forma luthiers na Amazônia

EDUARDO GERAQUE
de Manaus

Não importa muito o local. No palco do exuberante Teatro Amazonas, em Manaus, ou nos tablados de flamenco da Andaluzia, ou em várias outras casas musicais do mundo, a origem dos instrumentos musicais quase nunca passa pela cabeça dos espectadores. A arte de projetar e construir um instrumento de cordas com caixa de ressonância, conhecida como luteria, é tão importante quanto a de tocá-lo diante do público numa noite de gala.

Sem a figura do luthier e a madeira adequada, o samba, por exemplo, não será o mesmo samba. Como a região amazônica tem madeira em abundância, apesar do constante desmatamento, uma parte da equação está resolvida. A outra, a dos luthiers, também começa a ser solucionada, graças, principalmente, ao sonho de Rubens Gomes, amapaense de 41 anos, 17 dedicados à arte da confecção de instrumentos musicais. Antes dele, as artes da luteria e da marchetaria (aplicação de recortes de madeira em peças de marcenaria para formar desenhos) eram praticamente inexistentes entre a população nortista.

O sonho do professor Gomes — que, além de luthier autodidata, é também músico — começa a se tornar mais real a partir do mês que vem, quando a primeira Escola de Luteria da Amazônia, criada há três anos em Manaus, assistirá à formatura de seus 13 primeiros alunos, todos originários das populações carentes da região. “Eles ainda são aprendizes, mas vão sair daqui com a competência e a habilidade de transpor um projeto para a madeira”, diz Gomes. As lições do professor não são apenas artísticas e artesanais. Seu projeto tem

Na área onde a escola se instalou, 68% ganham menos de dois salários mínimos por mês

também ambições sociais e ambientais.

Embora as ruas sejam mais arborizadas e convidativas ao redor do Teatro Amazonas ou do Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas (Inpa), o professor Gomes resolveu instalar a Oficina Escola de Luteria da Amazônia no bairro do Zumbi, na pobre zona leste de Manaus. Nessa área, informa Gomes, as famílias têm em média 6,4 integrantes. A maioria (68%) ganha menos de dois salários mínimos por mês e apenas 3,4% ganham mais que cinco salários. Apenas 0,1% da população tem curso superior e 15,6% das pessoas acima dos 10 anos nunca estudaram. “Nossos alunos são jovens que vivem num quadro de risco social”, diz Gomes.



O professor Rubens Gomes,

“A solução para que eles não se tornem marginais pode estar ao lado.” Gomes critica algumas visões sobre o desenvolvimento da região: “A Zona Franca, por exemplo, não é a forma de desenvolver a Amazônia. Serve apenas para um universo de menos de 20 mil pessoas.”

Aproximadamente 60 alunos estão inscritos na Oficina Escola de Luteria, com idades entre 15 e 21 anos. Além de aprender a construir instrumentos, eles também podem ter aulas de música e educação ambiental. “Nossa intenção mais ampla é formar cidadãos”, afirma Gomes. Com o auxílio dos governos federal e estadual, além do financiamento de organizações não-governamentais brasileiras e estrangeiras (como a Fundação Ford), a oficina tem entre seus objetivos principais promover a educação profissionalizante. “Agora vamos acabar também de alinhavar o curso técnico em luteria, que será ministrado pela Escola Técnica Federal de Manaus”, diz o professor, que pretende fazer com que o curso e a oficina se tornem uma referência para outras iniciativas na região.



Reinaldo Okita

idealtzador da escola: primeira formatura no mês que vem

Nascido no Amapá e ex-morador do Acre, além de bom conhecedor de toda a Amazônia, Gomes tem como prioridade de seu trabalho a preservação da floresta. Em sua escola, toda a madeira utilizada provém de regiões que possuam certificado de exploração. É a chamada "madeira verde". "O bom manejo causa um impacto baixo no ambiente", afirma o professor, que já trabalhou nas grandes indústrias de instrumentos do centro-sul do Brasil. Segundo o professor, infelizmente ainda é muito pequena a fatia do mercado que se preocupa com a certificação florestal. "O centro-sul é o grande responsável pela compra de 80% da madeira ilegal que sai da Amazônia", diz. Ele prevê o aumento da pressão pela certificação nos próximos anos, o que comprometerá futuro dos exploradores ilegais de madeira.

As grandes fábricas de instrumentos da Europa também se beneficiaram da exploração da Amazônia, segundo Gomes. Muitas mudas de jacarandá e ébano que hoje são plantadas na Europa sob condições ideais saíram do Brasil. Em termos de conhecimento artístico para a fa-

bricação de um bom instrumento, são famosos os luthiers italianos. A centenária fabricante paulista de instrumentos musicais Giannini é um dos frutos da escola formada na Itália. "Mas na Espanha também há bons profissionais", diz Gomes. Na oficina de Manaus, a influência vem indiretamente da Espanha. Há também uma relação forte com luthiers e músicos cubanos. Desde 1996 vários deles vieram ao Brasil, e outros deverão vir, para transmitir seus conhecimentos. Uma das parcerias tem a contrapartida da Fábrica de Instrumentos Musicais Fernando Ortiz, o Instituto Cubano de Música.

Os alunos da Oficina Escola de Luteria de Manaus precisam cumprir um programa extenso para se tornarem aprendizes de luthiers. Elivélson Moreira, um dos professores assistentes da escola, explica que o curso básico tem seis etapas. Cada uma representa uma das etapas da confecção de um instrumento musical de corda dedilhada. "Os alunos

aprendem por módulos: o braço, o tampo, o fundo, as laterais e as contrafaixas, a escada e os cavaletes", enumera o luthier. Depois de fazer cada parte em separado é que o aluno vai construir seu primeiro instrumento musical inteiro. "Na construção, o luthier já pode definir se ele vai ser mais agudo (estreito) ou grave (largo)", diz Moreira.

A primeira participação estrangeira de um aprendiz de luthier amazônico ocorreu este ano. Genezian Lopes Queirós, um dos melhores da turma, esteve no início do ano na Bienal de Luteria de Lisboa para representar o Amazonas e o Brasil. Uma outra iniciativa da oficina está levando o conhecimento das técnicas da marchetaria para 200 pessoas em Boa Vista do Ramos, o menor município do Amazonas. "A marchetaria é uma forma de arte, mas também de aproveitamento daquela parte da matéria-prima normalmente desperdiçada", diz Gomes.

Segundo o luthier, a linha de produção comunitária de pequenos objetos de madeira em marchetaria é a primeira do Brasil a conquistar o selo verde. Normalmente, os ribeirinhos que trabalham na produção são jovens ou mães dos jovens. "A intenção em Boa Vista do Ramos é melhorar a qualidade de vida e despertar nos comunitários que manejam a madeira um compromisso com o meio ambiente."

Tatuí (SP), São João Del Rey (MG) e agora Manaus. Os centros de luteria do Brasil são poucos e

Toda a madeira utilizada provém de regiões que possuem certificado de exploração

atendem poucas pessoas. O trabalho, quase que totalmente artesanal, acaba sendo substituído pela grande indústria, principalmente porque os músicos não-profissionais, que são maioria no Brasil, procura-

ram instrumentos com preços mais baixos e, por isso, de madeiras menos nobres. Os grandes músicos e as grandes orquestras, mesmo no Brasil, ainda preferem a tecnologia estrangeira. "A qualidade do luthier é representada apenas na construção do instrumento em si", define Gomes. Se a experiência que começou em Manaus vingar, a definição terá de mudar. A qualidade do luthier será representada também em suas atitudes como cidadão.